

## *Missionários católicos e protestantes: prática médica e construção de instituições sanitárias em Goiás (1896-1940)*

Ordália Cristina Gonçalves Araújo<sup>1</sup>

Leicy Francisca da Silva<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i42.61253>

**Resumo:** Este trabalho visa analisar a atuação missionária no Estado de Goiás, a partir de questões médicas e construção de instituições sanitárias, por meio da análise dos textos memorialísticos em interlocução com bibliografias de referência. O período analisado compreende desde as primeiras visitas, a então região norte, por parte dos dominicanos (a partir de 1896), à atuação dos protestantes na região sul de Goiás (a partir de 1925). Se os primeiros missionários, no final do século XIX em diante, insistiam que poderiam fazer mais pelo povo se tivessem conhecimentos e remédios, nas décadas de 1920 a 1940, os novos que aqui chegaram - com formação profissional na área de atuação médica - se estabeleceram e responderam ofertando, por meio da construção de hospitais, o desejado tratamento e a cura das doenças do corpo. Assim, organizaram, em conjunto, novos espaços de formação de outros missionários e, ao que parece, atuaram no convencimento de conterrâneos a se juntarem a essas causas.

**Palavras-chave:** Missionários, Instituições Sanitárias, Goiás

### **Catholic and protestant missionaries: medical practice of health institution building in Goiás (1896 - 1940)**

**Abstract:** This paper aims to analyze the missionary activity in the state of Goiás, from medical issues and the construction of sanitary institutions, through the memorialistic analysis of texts in dialogue with reference bibliographies. The period analyzed ranges from the first visits to the northern region, by the Dominicans (from 1896), to the Protestants in the southern region of Goiás (from 1925). If the first missionaries, from the end of the 19th century on, insisted that they could do for the people if they had knowledge and medicines, in the decades from 1920 to 1940, the new ones who arrived here – with professional training in the medical field - settled and responded by offering, through the construction of hospitals, the wish for treatment and cure for bodily diseases.

<sup>1</sup> Doutora em História pela UFG. Professora do curso de História, pela Universidade Estadual de Goiás. Pesquisa sobre temáticas indígenas, didática, metodologia e estágio em História, religião e religiosidades cristãs. E-mail: ordalia\_c@hotmail.com

<sup>2</sup> É Bacharel e licenciada em História (1999), tem mestrado (2003) e doutorado (2013) em História pela Universidade Federal de Goiás. Integra o Grupo de Trabalho História da Saúde e das Doenças - ANPUH. E-mail: leicyfs@yahoo.com.br

Thus, they jointly organized new spaces for the training of other missionaries, and, as it seems, they also acted in convincing their fellow countrymen to join these such causes.

**Keywords:** Missionaries, Health Institutions, Goiás

### **Misioneros católicos y protestantes: práctica médica y construcción de instituciones de salud en Goiás (1896-1940)**

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo analizar la actividad misionera en el Estado de Goiás, desde la problemática médica y la construcción de instituciones de salud, a través del análisis de textos conmemorativos en diálogo con biografías de referencia. El período analizado abarca desde las primeras visitas a la entonces región norte de los dominicanos (desde 1896), hasta la acción de los protestantes en la región sur de Goiás (desde 1925). Si los primeros misioneros, al final del siglo XIX en adelante, insistieron en que podrían hacer más por el pueblo si tuvieran conocimientos y medicamentos, en las décadas de 1920 a 1940, los nuevos que llegaron – con formación profesional en el área de actuación médica - se establecieron aquí e respondieron ofreciendo, por medio de la construcción de hospitales, el tratamiento deseado y la cura para las enfermedades del cuerpo. De esta forma, organizaron juntos, nuevos espacios para la formación de otros misioneros, y al parecer, también actuó para convencer a compatriotas a sumarse a esas causas.

**Palabras Clave:** Misioneros, Instituciones de Salud, Goiás

*Recebido em 19/10/2021 - Aprovado em 26/01/2022*

### **Introdução**

No final do século XIX e na primeira metade do século XX, missionários cristãos (católicos ou protestantes) excursionavam pelo território goiano com vistas à evangelização. Missionários protestantes ligados a *Help for Brazil Missionary Society* e posteriormente a *União Evangélica Sul-Americana* e católicos – capuchinhos, redentoristas, vicentinos e dominicanos - tinham em comum a atuação em uma região, naquele período, considerada carente de assistência sanitária. Nessas ocasiões tiveram que assumir distintas funções, para além do trabalho religioso. Dessa experiência, eles produziram material memorialístico para difundir o trabalho na Europa e nos Estados Unidos, com o intuito de divulgar suas práticas missionárias, buscar subsídios financeiros para sustento das missões e atrair novos missionários para o Estado de Goiás. Dentre os relatos analisados estão aqueles produzidos pelos dominicanos José M. Audrin, *Os sertanejos que eu conheci* (1963) e *Entre sertanejos e índios do norte* (1946); Michel Berthet, *Uma viagem de missão pelo interior do Brasil* (1982) e Estevão M. Gallais, *Entre os índios do Araguaia* (1954) e *O apóstolo do Araguaia* (1942). Dos missionários protestantes analisa-se o relato de Archibald Tipple, *Bandeirantes da Bíblia no Brasil Central* (1972).

A análise desses textos, publicados no formato de livros ou capítulo de livros, são compreendidos, segundo a acepção de Todorov (2006) sobre os relatos de viagem, como: (1) uma narração pessoal em torno de circunstâncias exteriores ao narrador, pautada pela relação de alteridade tensionada entre observador e observado; (2) uma localização espacial das experiências contadas “dos *outros*, selvagens de regiões longínquas ou representantes de civilizações não europeias”; (3) uma localização temporal de longa duração, ao abranger o período do Renascimento até aproximadamente 1950; e, por fim, (4) uma caracterização estrutural balizada pelo colonialismo, fazendo destes textos relatos de viagens coloniais evidências que soldados, conquistadores, mercadores e missionários constituem-se como representantes de três formas de colonialismo (militar, comercial e espiritual) ao apresentarem curiosidade para com o outro e segurança de sua superioridade, aspectos estes delineadores da posição colonizadora.

De maneira geral, a escrita em análise não destoava dos relatos dos viajantes que percorreram a região de Goiás nos séculos XVIII e XIX (CAIXETA, 2014; GOMES FILHO, 2015; TEIXEIRA, 2013). Por vezes, emergem nos textos temáticas como o atraso da região; a “decadência” após um período de apogeu, em função da prática mineradora; a comunicação precária com outras regiões do país; e carências de todo tipo. Porém, por reportar uma escrita vocacionada, os relatos possibilitam conhecer o desenrolar da atuação missionária no Estado, desde as primeiras visitas<sup>3</sup> (a então região norte), por parte dos dominicanos (a partir de 1896), à atuação dos protestantes na região sul de Goiás (a partir de 1925). A análise, por meio de investigação dos textos memorialísticos em interlocução com bibliografias de referência, é focada nas questões da assistência e na construção de instituições sanitárias, dada a escassez de médicos formados à época e as necessidades da população nesse sentido.

### ***Religião e Medicina: os dominicanos e a cura dos corpos no Vale do Araguaia***

A Ordem Dominicana se estabeleceu, no Brasil, em 1881. Dado contexto geográfico vasto e a existência de “um clero reduzido e mal preparado” na diocese de Goiás, Dom Claudio Ponce de Leon (1881-1890), “imaginou concretizar imediatamente em sua diocese a fundação dominicana que vinha de abortar no Rio de Janeiro”, todavia, o interesse maior dos frades dominicanos estava na “existência de índios ainda não catequizados” nas regiões goianas. Interesse que os dominicanos tiveram que colocar em

---

<sup>3</sup> Constituíam-se em longas viagens nas quais os missionários católicos visitavam as regiões de seus territórios eclesiais no intuito da assistência religiosa com realização de casamentos, batismos, confissões, missas, dentre outras atividades. A primeira visitação dominicana no então norte goiano ocorreu entre maio e novembro de 1883 por Frei Michel Laurent Berthet feita na companhia do bispo Cláudio Gonçalves Ponce de Leão (1881-1890).

segundo plano para assumir prioritariamente os objetivos de romanização de Dom Cláudio, bispo que os trouxera à diocese de Goiás. Já em terras brasileiras, a gradual configuração da mobilidade dos dominicanos, a partir de uma rede de estabelecimentos fundados, se constituiu entre 1881 e 1905 (SANTOS, 1996, p. 28-30).

Em relação a questões sanitárias, era recorrente nos relatos memorialísticos dos dominicanos a alta incidência de febres em lugares como Leopoldina (atual Aruanã) e em todo o Vale do Araguaia (GALLAIS, 1954, p. 39), em razão da insalubridade da região, decorrente da “inundação das florestas e dos vales” que a cercava na estação das chuvas (BERTHET, 1982, p. 120). Entretanto, para Frei José Maria Audrin (1963, p. 83), “mesmo em tempos e lugares isentos de mosquitos” era possível contrair as febres, fato que configurava a região norte do então Estado de Goiás como a pior região para se viver, na documentação do século XIX (MAGALHÃES, 2014, p. 95).

No geral, as pessoas sofriam com os ataques dos mosquitos, fossem os empregados ou os próprios missionários dominicanos. As febres forçavam a substituição de remadores, para que os dominicanos pudessem dar continuidade à excursão (BERTHET, 1982, p. 155). Sofreram os desconfortos do impaludismo os freis: Guilherme Vigneau, Gil Vilanova, Martin Berthet e Dom Domingos Carrérot. Os três primeiros morreram em consequência dela: Vigneau faleceu nas proximidades de São Vicente, em 1903, (GALLAIS, 1942, p. 263); Gil Vilanova quando descia de Conceição ao Pará em virtude “da urgência em que fosse examinado por um profissional” da medicina (GALLAIS, 1942, p. 208); e Berthet na cidade de Formosa, depois de percorrer mais de três mil quilômetros pelos sertões goianos, no ano de 1907 (SANTOS, 1996, p. 37). Já para Domingos Carrérot, as febres se constituíram numa realidade com a qual teve que conviver desde quando passou a morar no então norte de Goiás, entre 1891 e 1934 (AUDRIN, 1946).

Mas não eram somente as febres (escritas nos relatos de forma polissêmica: maleita, febre amarela, malária, impaludismo) que apareciam na memória dominicana em pauta. Outras doenças como lepra, diabetes e varíola foram mencionadas nos relatos, contudo, uma descrição mais abrangente das doenças e dos procedimentos terapêuticos encontramos no livro de memórias de Frei José Maria Audrin - *Os sertanejos que eu conheci*, publicado em 1963.

De um lado, Audrin enumera o que considera como casos raros de doenças, tais como a tuberculose, a lepra, a sífilis, as congestões cerebrais, as anginas, as apendicites e as doenças mentais. A raridade dessas últimas, argumenta o memorialista, ocorre “por causa da tranquilidade e do sossego das solidões sertanejas e do caráter geralmente pacato” do povo goiano (1963, p. 83). Por outro lado, a febre, a verminose e o bócio atacavam frequentemente crianças e adultos, além de uma infinidade de moléstias, dentre

elas, doenças do fígado (icterícia, opilação), fogo selvagem<sup>4</sup>, anemia, pleurisia, pneumonia, apoplexia, úlcera, infecções urinárias, doenças de pele e acidentes de todo tipo (lesões, fraturas, feridas, queimaduras, chifradas de bichos domésticos e selvagens, picadas de cobras, mordeduras de piranhas, lacraias e arraias, dentre outras (1963, p. 83-88).

Audrin compreende que muitas dessas moléstias têm origem na alimentação insuficiente, por causa da escassez de alimentos, e, sobretudo, pela indolência dos sertanejos, que vivem em “regiões abençoadas onde todo homem um pouco ativo e esperto acha o suficiente para alimentar-se bem, com os produtos da caça, da pesca e da lavoura” (1963, p. 82). Outras razões seriam a má qualidade e a preparação insuficiente dos alimentos, bem como a irregularidade das refeições e, finalmente, a carência em relação aos serviços dentários destinados aos sertanejos.

Se na perspectiva de Audrin a origem de muitos desses sofrimentos estava no descuido e na indolência dos sertanejos, a análise dessa escrita memorialística desvela uma percepção pessoal e colonialista do observador para o observado, nos termos de Todorov (2006). Taxativamente, Audrin afirmava:

Nas famílias e nos povoados onde reinam o amor ao trabalho, o asseio corporal e sério comportamento moral, vemos sempre reinar a saúde, a robustez, como a fartura de alimentos, e o vestuário higiênico, condições necessárias para prevenir e combater os perigos e ataques de um sem-número de doenças (AUDRIN, 1963, p. 85).

Os missionários olhavam para aquele ambiente de maneira eurocentrada. Eles, ao imergirem na região, se expunham às febres e às doenças de todo tipo, portanto, era preciso conhecer um acervo variado de terapias, não apenas para cuidarem de seus próprios corpos, mas, sobretudo, para atender às demandas da região, visto a carência de “médicos, de cirurgiões, de farmácias, de hospitais ou de sanatórios, [bem como] consultórios, ambulatórios, operações, raios X, anestesia, assepsia” (AUDRIN, 1963, p. 81).

Se antes eles conheciam bem os ofícios de um pastor da alma, doravante, em virtude das circunstâncias, era fundamental que eles se tornassem “médicos” para o

---

<sup>4</sup> Identificada inicialmente entre os povos indígenas do Vale do Araguaia, também foi encontrada em lugares do Centro-Oeste, Minas Gerais, Paraná e São Paulo, “[c]aracteriza-se pelo aparecimento de bolhas superficiais, que afluem e rompem facilmente, deixando a pele em carne viva, vermelha e recoberta por escamas e espalhando-se por todo o corpo. As lesões são dolorosas, com ardência e queimação, daí a designação ‘fogo selvagem’” (MAGALHÃES, 2014, p. 106).

corpo, dentro de uma percepção religiosa de auxílio ao pobre, conforme o modo como o Catolicismo moderno se configurava (CHATELLIER, 2018).

A primeira menção a dupla função assumida pelos missionários em Goiás – religiosa e medicinal – aparece na escrita de Michel Laurent Berthet. Ele narra que a comitiva de D. Claudio se separou após passar por Jurupensen<sup>5</sup>. O motivo seria a solicitação de uma visita do cônego que os guiava a um doente que se ferira gravemente durante uma caçada. Sem mencionar o nome ou escrever mais detalhadamente, Berthet apenas informa que, pelo fato do “companheiro se ocupa[r] de medicina com sucesso, é chamado para curar o corpo e a alma” (BERTHET, 1982, p. 118).

Posteriormente é José M. Audrin (1946), na narrativa biográfica de D. Domingos Carrérot, quem dá conta de como essas funções se conjugavam nos trabalhos dos padres, na região do então norte de Goiás, ao escrever sobre André Blatgé (?-1944). Esse frei, natural do sul da França, atuou como missionário em Uberaba, Goiás e Porto Nacional, contudo, foi em Conceição do Araguaia que se destacou como construtor<sup>6</sup> e médico prático. Nessa localidade, argumenta Audrin, a carência de médicos e farmacêuticos e o elevado custo para as consultas e receitas, quando algum profissional desse tipo aparecia, forçava a população a recorrer aos padres nos momentos de sofrimento, fossem de origem pobre ou abastada.

Missionários católicos e protestantes eram alçados a funções requisitadas nas regiões em análise. Ao percorrer a região, em 1897, William Azel Cook, missionário protestante estadunidense, afirma que, após um período convalescendo de febre, passou a ser chamado pelas pessoas de Pedro Afonso, nas proximidades de Rio do Sono (atual estado do Tocantins), para indicar remédios para todos os tipos de doenças que as afligiam, devido à carência de profissionais da saúde na região, embora ele não estivesse preparado para o exercício dessa função, algo lamentado por ele (COOK, 1909, p. 190-92). De tal modo, era comum que os missionários, em suas viagens, trouxessem na bagagem remédios para eventuais ocasiões de contato com pessoas doentes (GLASS, s/d; MACINTYRE, 2000).

Na escrita memorialística dos dominicanos, não encontramos referências às origens desses conhecimentos por parte dos missionários, contudo, Sônia Maria de Magalhães (2014, p. 165) sustenta que “nas fazendas raramente havia assistência médica”,

---

<sup>5</sup> Antigo presídio de Santa Cruz, foi transferido da região de Cana Brava, afluente do Tocantins, para a região do Araguaia, em 1864. Em suas novas instalações, mais amplas, chegou a contar, inclusive, com uma escola de primeiras letras. Contrário ao seu desenvolvimento, entretanto, havia o fato de ser a nova localização inadequada, sujeita a enchentes periódicas, o que provocava constantes surtos de doenças (ROCHA, 1998, p. 81).

condição favorável para que o fazendeiro, por meio de manuais de medicina, se transformasse em médico prático. Provavelmente, esses manuais, aliados aos conhecimentos de cura de origem indígena, sustentavam a prática dos missionários concernente aos tratamentos das moléstias do sertão. Assim, eles se transformavam em “um daqueles ‘práticos’, bem raros, dotados, porém, de inegável competência tanto nos diagnósticos como na manipulação das riquezas terapêuticas que se encontram na natureza” (AUDRIN, 1963, p. 81).

Ao contar sobre Frei André, Audrin diz que ele tratava os doentes “com remédios preparados por suas mãos com variados e preciosos elementos encontrados nas matas e campos da rica zona Amazônia” (AUDRIN, 1946, p. 166). Dentre os elementos principais utilizados por ele, estavam a casca de quina, a folha e raiz de salsaparrilha, a poalha e a ipecacuanha, a resina de almecega e as folhas de araticum. Os resultados se manifestavam na forma de pílulas, elixires, pomadas, tinturas e xaropes a serem usados no tratamento de diversas doenças: impaludismo, anemia, icterícia, verminoses, chagas e muito mais (AUDRIN, 1946, p. 166-167).

Provavelmente, a segurança nos conhecimentos medicinais de Frei André proporcionava aos dominicanos<sup>7</sup> condições para se opor a quem quisesse se instalar na região como médico profissional, especialmente, se este tivesse origem no ramo concorrente do cristianismo - as instituições protestantes. Tal fato ocorreu a partir de 1925, quando a Missão Protestante Inglesa se estabeleceu na Ilha do Bananal para evangelização dos indígenas, todavia, muitos não indígenas a ela acorriam para serem socorridos. A demanda provocou a instalação de uma escola, um hospital e uma colônia de leprosos.

---

<sup>6</sup> Construiu a igreja de Santa Rosa Lima, em estilo gótico, a casa dos padres e a igreja catedral, e reconstruiu a casa e a escola das Irmãs dominicanas.

<sup>7</sup> Além dos missionários dominicanos, a Igreja Católica, em fins do século XIX, trouxe para Goiás através da iniciativa do D. Claudio Ponce, a Sociedade de São Vicente de Paula (1885) e a Missão Redentorista (1894). Nota-se uma concorrência religiosa que reverbera em ataques ao espiritismo, ao protestantismo, e ainda ao curandeirismo (GOMES FILHO, 2012, p. 130) e que explicita uma complexidade dos interesses religiosos na hegemonia do sagrado, mas também e especificamente na sua atuação no campo social. Os vicentinos (1885), por exemplo, edificam o asilo São Vicente de Paula da cidade de Goiás - que gerenciam em conjunto com os dominicanos - e outros asilos menores em diversas cidades do estado nas primeiras décadas do século XX, iniciativas no campo sanitário com o perfil de institucionalizar a assistência ao pobre e doente e o cuidado com o corpo (SOUZA, 2014). Já os Redentoristas (chegada em 1894) instauraram um combate discursivo na imprensa local, reprimindo o protestantismo; o espiritismo, caracterizando sua ação como perigo para a saúde pública; e movimentos periféricos, messiânicos e populares, como o de *Santa Dica*, entre os anos de 1924 e 1925, demonizando sua atuação taumaturga (GOMES FILHO, 2012; 2018).

Em 1932, Rettie Wilding, médica responsável pela Missão, chegou a enumerar cem pessoas em tratamento no hospital e mais vinte e oito leprosos (WILDING, 1979, p. 65). No ano seguinte, já constavam cinquenta e três pessoas no Leprosário Macaúbas, que, com a saída dos missionários protestantes, passou a ser subvencionado com verbas oriundas do Estado e do Município da Cidade Goiás (SILVA, 2015, p. 47), sendo extinto em 1943.

A Missão Inglesa Protestante encerrou suas atividades em 1935, sob a alegação de que o objetivo principal não estava sendo atingido – a evangelização indígena –, não obstante, para os dominicanos, isto se devesse às atitudes tomadas por D. Domingos uma década antes, ainda em 1925, no início da atuação protestante na Ilha do Bananal. Nos moldes de relatório, D. Domingos enviou ao Presidente do Estado de Goiás um alerta “a respeito do perigo da invasão norte-americana” naquela região e solicitava “providências urgentes para se opôr à ação dos ministros protestantes, que experimentavam localizar-se, sob pretexto de evangelização, nos melhores pontos da Ilha” (AUDRIN, 1946, p. 220).

No mesmo período da década de 1920, os protestantes de origem britânica se estabelecem na região Sul de Goiás para, além de evangelizar as pessoas, promover o tratamento médico por meio da fundação do Hospital Evangélico de Anápolis.

### ***Fé e saúde: a construção de instituições e um modelo de atuação protestante em Goiás***

Archibald Tipple,<sup>8</sup> missionário natural da Inglaterra, chega ao Brasil em 1914, vivendo aqui até seu falecimento, em 1972. Escreveu *Bandeirantes da Bíblia no Brasil Central*, inicialmente publicado em inglês, no qual narra a sua experiência para a conquista de novos fiéis. Em seu livro, ele indica a importância dos escritos dos que o precederam e da divulgação das experiências e das dificuldades enfrentadas pelos missionários em terras estrangeiras. Tipple explica que “durante os dias estudantis, havia sempre visitas de missionários, de quase todas as partes do mundo, que, nas suas eloquentes palestras, mostravam a grande necessidade que havia nos campos que representavam” (TIPPLE, 1972, p. 05).

Outra questão interessante é a indicação da forma como as missões mantinham os trabalhos desenvolvidos no exterior, como no Brasil. O missionário aponta, por exemplo, o caso de James Fanstone, que receberia “da Missão” para o financiamento de suas atividades “a quantia de 120 libras esterlinas por ano” (TIPPLE, 1972, p. 114).

---

<sup>8</sup>Tipple começou seu trabalho de evangelização na cidade de Pouso Alto (Piracanjuba-Go), passou por Santa Cruz, Gameleira (atual Cristianópolis, uma cidade fundada por protestantes para reduto de sua fé em Goiás), cidade de Morrinhos, Buriti alegre, Bananeiras (Goiatuba), Santa Rita do Pontal (Pontalina), Ipameri, Palmeiras, Bela Vista, Rio Verde, Jataí e Itumbiara.

Normalmente, esses valores advinham das instituições missionárias internacionais, como a *Help for Brazil Missionary Society*<sup>9</sup>, ou eram doados por ricos irmãos na fé, que, vivendo na Europa ou nos Estados Unidos, sentiam-se compelidos a auxiliarem economicamente, por meio da filantropia, as atividades missionárias.

Na escrita de Tipple se nota o desconhecimento da região e de sua natureza, inclusive nos aspectos sanitários, a relação entre o discurso da fé e a defesa de hábitos de higiene, por meio do binômio santidade e sanidade. Eduardo Gusmão de Quadros explica essa relação dentro da teologia clássica, já que os termos salvação e saúde teriam a mesma origem etimológica. Dessa constatação, contrapõe a reafirmada dicotomia entre corpo e alma, uma vez que ocorre na compreensão religiosa destes missionários uma relação entre pecado e doença, sendo a cura intimamente relacionada com a reconstrução da aliança com Deus (QUADROS, 2011, p. 168). Tipple aponta que em uma viagem teria notado que:

estava coberto novamente com aqueles bichos. A primeira oportunidade que tive, queixei-me ao meu companheiro com certa indignação, afirmando que pretendia logo ensinar aqueles crentes que a sanidade fazia parte da santidade. Meu companheiro sorriu e explicou-me que aqueles bichinhos eram carrapatos e que eu mesmo os tinha levado para a casa (TIPPLE, 1972, p. 32).

Não era apenas o carrapato que fazia parte do conjunto de insetos temidos pelo missionário. Segundo ele afirma “um bicho que eu temia muito era o barbeiro, que mora nas fendas das paredes e transmite a terrível doença de Chagas, que mais cedo ou mais tarde é fatal” (TIPPLE, 1972, p. 41). Além de pontuar as doenças e os riscos a que estavam sujeitos, Tipple expõe a relação entre conquista religiosa e cuidados médicos, afirmando sobre “uma mudança de atitude do povo”, e explica: “[m]eu curso breve na *London Missionary School of Medicine* foi de grande valor, pois vinha gente de longe e de perto em busca de remédios, levando sempre alguns folhetos e, às vezes, um Novo Testamento” (TIPPLE, 1972, p. 57). Depois de sete anos de trabalho missionário no Brasil, Tipple, durante uma licença concedida pela Missão, retorna à Inglaterra, para que sua esposa passasse por uma intervenção cirúrgica, com vistas ao tratamento do câncer, e para dar à luz ao segundo filho do casal. Durante esse período, conhece o médico James

---

<sup>9</sup> Fundada por James Fanstone pai em 1892, com sede em Edimburgo, e que foi transferida em 1913 para a União Evangélica Sul-americana - UESA.

Fanstone e sua esposa. Da ocasião do encontro,<sup>10</sup> aponta a estratégia de conquista de novos missionários:

Ele se interessava muito em saber as condições existentes no vasto Estado de Goiás. Pintamos o quadro bem preto, como era naquele tempo, mostrando a grande necessidade de um hospital, pois tal coisa não existia. Antes do nosso regresso ele casara-se com D. Daisy e vieram ao Brasil procurando legalizar seu diploma de medico aqui (TIPPLE, 1972, p. 62).

Para além do desejo de ampliar o número de missionários em atuação no estado, a escrita de Tipple elucida o viés eurocêntrico de sua narrativa ao evocar o estado goiano como um lugar atrasado sobretudo em relação às práticas e instituições médicas, e carente de intervenção externa. Sobre a saúde das pessoas, Tipple chama atenção para os casos de hanseníase na cidade de Rio Verde, como o de uma mulher que “embora leprosa, ela era crente fervorosa” (TIPPLE, 1972, p. 69) e onde realizou “uma pequena reunião na casa de um leproso” (TIPPLE, 1972, p. 71). A hanseníase é um dado recorrente na escrita memorialística dos missionários.<sup>11</sup> Sobre o trabalho dos missionários em Goiás e a penetração da religião protestante, explica Archibald Tipple que:

De vez em quando eram organizadas excursões para Goiás. Consistiam estas do Rev. Bryce W. Rankin F. C. Glass (um

---

<sup>10</sup> Esse encontro faz parte das reminiscências do médico e missionário James Fanstone - dada a singularidade que assumiu em sua história de pioneirismo na área da medicina em Goiás - e as informações trocadas entre ambos ressoaram para a carência de hospitais e para a possibilidade de ofertar atendimento cirúrgico aos doentes no vasto interior do Brasil (FANSTONE, 1972, p. 60). As memórias de Fanstone mostram o quadro nosológico que encontrara, uma percepção da relação entre doença e condição de pecado e a participação das instituições protestantes na formação de novos missionários no campo da saúde. As memórias de Fanstone foram editadas por sua irmã Baird Fanstone e publicadas em 1972, na Inglaterra, sob o título *Missionary Adventure in Brazil: the Amazing Story of the Anapolis Hospital, with Reminiscences by Its Founder Dr. James Fanstone*. Essa obra foi traduzida e replicada no Brasil em 2017 pela Fonte Editorial.

<sup>11</sup> Em sua primeira visita a Goiás, Fanstone rememora que esteve com um leproso em estágio avançado e, ao que parece, era algo que afligia a família, visto que os irmãos haviam morrido da mesma doença. Anos depois tal família iria a Anápolis em busca de tratamento (FANSTONE, 1972, p. 63) e, provavelmente, eles foram atendidos por Rettie Wilding que explica em sua memória, em Anápolis que que “[a]lém do trabalho no Hospital, havia quatro Clínicas externas por semana; duas para os leprosos e duas para os pobres.” (1979, p. 38).

homem ainda mais extraordinário), Morris Bernard e outros. Ficaram assim em diversas cidades grupos de novos convertidos que, muitas vezes, eram sujeitos a perseguições cruéis (TIPPLE, 1972, p. 10).

Gradualmente, o protestantismo foi ganhando espaço nas cidades goianas, não apenas no âmbito religioso, mas também no aspecto físico, com edificações que abrigariam instituições como hospitais, escolas e faculdades. No entanto, é como tal processo se delinea que consideramos importante perceber.

Archibald Tipple foi amigo e incentivador da vinda e permanência de James Fanstone em Goiás. Por meio de sua escrita, percebemos os contatos e o estabelecimento de uma rede de sociabilidade entre os diversos missionários protestantes, que vindos a Goiás, construíram estabelecimentos para atendimento sanitário. Ele se relacionou, por exemplo, diretamente com o casal Morris e Helena Bernard (responsáveis pela edificação do Leprosário Helena Bernard, em Catalão) e com James Fanstone e sua esposa (ainda na Inglaterra). James Fanstone (1890-1987) foi um médico missionário nascido no Brasil, mas com nacionalidade inglesa, enviado pela missão União Evangélica Sul Americana (UESA)<sup>12</sup>. Ele estabeleceu-se em Anápolis, em 1925, por considerá-la uma “cidade de futuro”, um importante entreposto comercial, que se apresentava como um lugar estratégico, pois logo contaria com a estrada de ferro como meio de transporte.<sup>13</sup>

A partir de sua chegada em Anápolis-Goiás, Fanstone atuou como irradiador no processo de desenvolvimento de um programa de ação missionária e médica pioneira junto a UESA (União Evangélica Sul-Americana) a partir do modelo de ação da medicina missionária já consolidada em outras regiões do mundo, especialmente na Índia e no continente africano (CARVALHO, 2021). Anápolis possuía localização geográfica estratégica pois facilitava a comunicação com outras estações missionárias do estado. As instituições médicas sanitárias criadas por Fanstone (o Hospital Evangélico de Anápolis e a Escola de Enfermagem Florence Nightingale) concentrava a formação de novos quadros, assistia aos missionários que trabalhavam em outras estações e dava suporte aos que pretendiam se estabelecer. Ele foi o interlocutor na relação com as autoridades locais e com a missão internacional: intermediando o auxílio financeiro e institucional para os que se instalavam, facilitando para que constituíssem estabelecimentos médicos ou de formação na área da assistência. Em suma, multiplicando a presença missionária,

<sup>12</sup> Fundada em 1911, após a fusão de outras agências missionárias.

<sup>13</sup> A última estação da Estrada de Ferro Goiás, em 1925, quando chegou em Goiás, era em Vianópolis; a chegada da linha na cidade ocorre em 1935.

permitindo a conquista da confiança da sociedade e o confronto aos opositores da evangelização protestante.<sup>14</sup>

Heliel de Carvalho explica que “[c]omo James Fanstone era protestante e veio ao Brasil como médico e missionário, sua influência se daria também no campo religioso. Muito cedo tornou-se o “pioneiro da cirurgia e do evangelismo” (OLIVEIRA, 1959, p. 3). Assim, Fanstone foi quem estabeleceu a primeira igreja protestante e culto evangélico da cidade” (CARVALHO, 2015, p. 98). Deve-se, muito fortemente a ele, bem como a atuação desse segmento em setores estratégicos, como educação e saúde, a visibilidade do grupo protestante no meio social da cidade (MATOS, 2011).

Antes de ser enviado ao Brasil, a Missão a que James Fanstone estava vinculado o enviaria para o *Glasgow Bible Training Institute* para um treinamento religioso e social.

No instituto, Fanstone fez amizade com Josiah Wilding. Anos mais tarde, Wilding veio ao Brasil e casou com a médica missionária Dra. Rettie Buchan no Hospital do Dr. Fanstone. Então, foram direto para a sua tarefa de oferecer ajuda médica e evangelizar os índios selvagens da Ilha do Bananal no Rio Araguaia, em 1930. Alguns meses depois, Wilding morreu de malária, sua esposa e outro casal missionário, sozinhos com os índios, o sepultaram (CARVALHO, 2015, p. 38).

Como médico missionário, a intenção de James Fanstone<sup>15</sup> era empreender uma atuação missionária nos moldes de seu pai<sup>16</sup> e de Robert Reid Kalley,<sup>17</sup> um médico

---

<sup>14</sup> Tais estratégias permitiram na primeira metade do século XX, por exemplo, a expansão da presença evangélica e institucional sanitária em cidades como Ceres (Hospital das Clínicas Centro Goiano, 1951), Goiânia (Hospital Ebenezer), Rio Verde (Hospital Presbiteriano Dr. Gordon e Escola de Enfermagem Cruzeiro do Sul, 1936-1941), Catalão (Leprosário Helena Bernard) e Ilha do Bananal (leprosário Macaúbas).

<sup>15</sup> Formado em medicina tropical pela Universidade de Londres e com tese defendida em São Paulo. James Fanstone nasceu em Recife, participou da Primeira Guerra Mundial, como capitão médico e recebeu a comenda oficial da Ordem do Império Britânico, entregue pelo Rei George V. Casou-se, em 1922, com a socorrista Ethel Marguerite Pastefildem (conhecida como D. Dayse), que durante a Guerra trabalhou na equipe de socorro à população civil. Por: OLIVEIRA, Luiz Artur de. *Dr. Fanstone, o primeiro cirurgião do Brasil Central*. O popular, Goiânia, 26/06/1977, p. 7.

<sup>16</sup> Missionário inglês também cognominado James Fanstone, casado com a escocesa Elizabeth Baird, vieram para o Brasil no final do século XIX, período de nascimento do filho (o médico J. Fanstone, em 1890) e cujo trabalho missionário no país foi desenvolvido especialmente no estado de Pernambuco. Os pais missionários trabalharam também nos Açores (África Portuguesa). Ele,

missionário escocês que havia atuado na China, Ilha da Madeira, Estados Unidos e, por fim, no Rio de Janeiro, em 1855.<sup>18</sup> A relação entre os missionários que o antecederam e sua decisão de vir a Goiás, ele mesmo explica: “[c]hegando ao Brasil, já trazia a predisposição de conhecer Goiás. Foi o reverendo Tipple, que havia atuado em missões no estado, que lhe sugeriu o nome, principalmente pela inexistência de cirurgiões” (OLIVEIRA, 1977, p. 7).

Em 1925, construiria seu primeiro consultório “que foi evoluindo improvisadamente como clínica. A primeira mesa operatória foi ele quem construiu” (idem). Embora houvesse outros médicos, não havia cirurgião. Diante disso, “rapidamente, a clientela deixou de ser apenas gente da cidade, até o ponto de incluir entre elas pessoas de Minas Gerais, Mato Grosso e Bahia. Ele era não apenas o primeiro cirurgião goiano, mas de todo o Brasil Central. Dona Dayse o auxiliava no trabalho” (OLIVEIRA, 1977, p. 7). A clínica, a partir de 1927, transformava-se no Hospital Evangélico de Anápolis, situado em importante prédio na cidade. O hospital, além de lugar de cura era também de culto:

Transmitido para todas as dependências do hospital por uma rede de alto-falantes.

O culto é ministrado em rodízio por pastores presbiterianos – a sua igreja –, batistas e pentecostais. Sempre houve a celebração em seu hospital. Antigamente, alguns padres o combatiam por isso. E quando tinham que se tratar com ele, na hora do culto se trancavam no banheiro para não ouvir a pregação (OLIVEIRA, 26/06/1977, p. 7).

Contudo, seu maior reconhecimento advém da fundação do Hospital Evangélico Goiano, em 1927, e da Escola de Enfermagem Florence Nightingale, em 1933, a primeira do gênero em Goiás (POLONIAL, 2012). Como exemplo da singularidade e importância do grupo, a segunda instituição de formação de enfermeiras de Goiás foi fundada em Rio Verde, em 1937, pelo também médico e missionário protestante, Dr. Donald C. Gordon

---

segundo o missionário Tipple, foi fundador da Help for Brazil Mission, que mais tarde torna se parte da União Evangélica Sul Americana.

<sup>17</sup> A partir do trabalho do Rio de Janeiro, Kalley fundaria um núcleo protestante em Pernambuco, no ano de 1873.

<sup>18</sup> A partir do trabalho do Rio de Janeiro, Kalley fundaria um núcleo protestante em Pernambuco no ano de 1873. James Fanstone (o pai) seria designado para atuar nesta pequena comunidade protestante, em 1879.

(POLONIAL, 2012; DIAS, 2021). Nessas escolas, as práticas de religiosidade do “protestantismo imperavam, inculcando estratégias de intervenção nos agentes mediadores e nas práticas disponibilizadas nesses hospitais” da Missão Central do Brasil (DIAS, ALMEIDA, 2018, p. 6), e o ensino de enfermagem formava profissionais para os respectivos hospitais ligados à obra de salvação e moldagem das almas (DIAS, ALMEIDA, 2018, p. 6). A terceira instituição, a Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, em Goiânia, foi criada em 1942, como resposta a essa forte investida protestante na área da assistência, e teve à frente o bispo de Goiás, D. Emanuel Gomes de Oliveira, com o apoio da prima-dama, Gercina Borges Teixeira (GUIMARÃES e CARVALHO, 2002). Explicam ainda que os missionários foram influentes nos espaços de representação dessa categoria – as associações profissionais (GUIMARÃES e CARVALHO, 2005).

Quanto ao trabalho desenvolvido e à assistência recebida do amigo Fanstone, Archibald Tipple, que perdeu uma das filhas vítima de enfermidade, ainda criança em Goiás, lembra o atendimento que recebia para si e sua família no Hospital Evangélico de Anápolis (1972, p. 85), sobre o qual ele avalia que:

os próprios padres vinham ao Hospital Evangélico na hora de doenças graves e toleravam o culto evangélico sobre o alto-falante, para ficarem livres das dores intolerantes. Estes eram tratados gratuitamente e com toda consideração, como também os obreiros evangélicos. Salvo engano, o bom doutor recebeu algumas vacas gordas dos primeiros, em sinal de gratidão (TIPPLE, 1972, p. 112-113).

No Hospital “[h]aviam doentes ricos e cultos, mas também vinham os pobres e às vezes vinham alguns tão sujos e depravados que, somente pela graça de Deus, uma enfermeira poderia tratá-los com carinho e simpatia” (TIPPLE, 1972, p. 115). O missionário lembra que o Dr. James Fanstone, embora aposentado, continuou incentivando e mantendo a Escola de Enfermagem “Florence Nightingale, donde se formavam cada ano, enfermeiras crentes, para ocuparem cargos de grande responsabilidade em toda parte do país (inclusive duas filhas nossas)” (TIPPLE, 1972, p. 114).

A presença e o apoio familiar e de profissionais estrangeiros, o trabalho pioneiro dos profissionais no ambiente hospitalar ainda não totalmente estruturado e o forte ambiente religioso são marcas definidas nas memórias de Archibald Tipple, na caracterização das atividades desenvolvidas. Ele explica que o trabalho do médico no setor de enfermagem, tanto no hospital quanto na escola, era apoiado pela irmã do

médico, D. Baird Fanstone, que era enfermeira diplomada, e por outra missionária inglesa, Mary Hamilton (TIPPLE, 1972, p. 85). No Hospital, que por algum tempo foi a principal instituição médica no Estado, explica que ali “foram realizadas, ainda com bom êxito, as maiores e mais sérias operações que no estrangeiro seriam feitas somente por especialistas com aparelhos e instalações das mais modernas e aperfeiçoadas. Segredo: as orações do povo de Deus” (TIPPLE, 1972, p. 112).

Como afirma Sandra Correia Matos (2011), todo o espaço hospitalar era preparado com esse objetivo, sendo distribuído pelos quartos bíblias evangélicas e havendo a visitas de religiosos profissionais para evangelização, o estabelecimento “foi idealizado pelo seu fundador para ser uma instituição médico-hospitalar de cunho religioso e preconizador da doutrina protestante”. Borges acrescenta que era responsável pelo tratamento médico de outros missionários e suas famílias, dos pastores e evangelistas sem a cobrança de pagamento. Atuava ainda na periferia da cidade, tanto curando quanto evangelizando, através das reuniões “atendia às pessoas pobres em ranchos cobertos com folhas de coqueiro” (BORGES, 1975, p. 111). Uma dessas experiências deu origem ao Leprosário de Anápolis, cuja direção foi assumida, posteriormente, por lideranças vicentinas e espíritas da cidade (SILVA, 2016).

Sandro Dutra e Silva, compreendendo a medicina como vocação aliada à prática missionária, explica que a influência de Fanstone extrapolou os limites da cidade anapolina. Atuou ainda na constituição e indicação do nome de médicos para trabalhar na Colônia Agrícola Nacional de Goiás - CANG, como Jair Dinoah (presbiteriano), primeiro médico a trabalhar na Colônia e designado para supervisionar a construção do Hospital e combater a malária e a febre amarela; Domingos Mendes da Silva e Isaac Barreto Ribeiro (batistas) e Álvaro de Melo (pertencente à Igreja Cristã Evangélica).

O trabalho desempenhado pelo Dr. Fanstone em Anápolis, que desde a construção do Hospital Evangélico em 1927 e a chegada da ferrovia em 1935, tornava-se o centro catalizador de uma rede de saúde vinculada a instituições protestantes missionárias brasileiras e internacionais. A partir de Anápolis e dos trabalhos coordenados pelo Dr. Fanstone, [configura-se] um conjunto de ações de suporte logístico e de outras categorias como apoio a projetos de combate à hanseníase, doenças de chagas, malária, febre amarela, dentre outras doenças. Também apoio e treinamento de médicos e enfermeiras e uma ponte de conexão de profissionais da saúde que atuariam em

diferentes regiões do Centro-Oeste brasileiro. (SILVA, e outros, 2015, p. 91)

Como explica Sandro Dutra e Silva (*et al*), muitos médicos protestantes vindos a Goiás tinham se formado em importantes centros médicos. A medicina era desenvolvida por eles, especialmente nas regiões com carência de médicos, de infraestrutura e que sofriam as auguras de um número exorbitante de acometidos por doenças endêmicas ou epidêmicas. Essa prática médica foi denominada como “Medicina da Fronteira” e caracterizada por ser vocacionada e, muitas vezes, pioneira na respectiva área de atuação, assim como a enfermeira missionária Helena Bernard, que construiu, em 1929, na cidade de Catalão-GO, um importante leprosário, que levava seu nome, por meio do modelo de financiamento estrangeiro de sua instituição missionária e dos irmãos na fé (SILVA, 2016).

Os valores iniciais foram somados com aqueles alcançados no Brasil, que tinham fontes diversas, como se pode notar nos Estatutos da Associação Educativa Evangélica de Anápolis, criado em 1947. Ali, se propõe que a constituição do patrimônio da sociedade dar-se-ia por meio de “contribuições voluntárias dos Membros ou de pessoas estranhas, por verbas votadas e concedidas pelas corporações evangélicas, e por doações ou subvenções dos governos ou de particulares” (ARCHIBALD, 30/04/1947).

O Jornal de Catalão, em 1929, afirmava que “Madame Helena, digníssima esposa do Sr. Morris Bernardo, ministro da igreja Christã evangélica desta cidade, está a testa dessa grandiosa empresa” (Jornal de Catalão, 01/09/1929). Segundo noticiado no jornal de Catalão, para dar fim ao empreendimento, Helena Bernard recebia apoio, além das autoridades locais, de uma instituição missionária estrangeira e protestante e de seus congregados em Nova Iorque e Londres. Ela havia, como enfermeira, trabalhado em causas missionárias na África e na Índia antes de chegar ao Brasil (Jornal de Catalão, 01/09/1929).

Acerca da presença destes missionários protestantes e sua influência no setor de saúde em Goiás, percebemos a existência de uma rede ou de um projeto internacional de formação e envio de profissionais na área da saúde para atuação em regiões carentes de assistência, para, a partir dessa ação nesse setor, desenvolver o projeto de conversão religiosa (NASCIMENTO, 2005; SILVA, 2016 e SILVA, *et al.*, 2017). O que apontamos como elemento novo, no entanto, é que após sua chegada em Goiás, observa-se uma adaptação desse mesmo projeto em miniatura na região, com a construção de hospitais, escolas de enfermagem e escolas em geral, os casos de Anápolis, Rio Verde e Ceres mostram isso claramente.

Sobre essa questão Sandro Dutra e Silva (*et al*) explica que a localização em Anápolis (próximo à linha férrea) do Hospital Evangélico (1926) e da Escola de Enfermagem facilitava que ele se tornasse o “centro catalizador de uma rede de saúde vinculada a instituições protestantes missionárias brasileiras e internacionais”, dando suporte ao combate a diversas enfermidades, treinando novos profissionais (médicos e enfermeiros) e enviando esses profissionais para as áreas de carência na região Centro-Oeste (2017, p. 295).

Outra questão interessante presente na literatura de memórias desses indivíduos é a existência de uma rede de sociabilidade, de apoio e de suporte mútuo no Brasil, formado, em primeiro momento, por esses estrangeiros de uma mesma fé, porém, expandindo-se mais tarde para os irmãos convertidos no país. Essa rede facilitava o trânsito e a aceitação dos indivíduos nas comunidades em que chegavam, sendo que, muitas vezes, o objetivo era a conquista de pessoas proeminentes das localidades para facilitação da introdução da fé. A formação em medicina, ou mesmo o conhecimento prático em saúde, ajudava nessa aceitação, independentemente da origem social das famílias contatadas.

Por isso, a formação de novos quadros em terras goianas passava a ser essencial fator de fortalecimento da importância já conquistada. Sobre o ensino, Tipple explica o caso de uma fiel que “ganhou uma bolsa de estudos e foi para a Escola de Enfermagem do Hospital Evangélico de Anápolis. Ela deu um excelente testemunho lá (...)” (1972, p. 79). Mesmo caminho seguido por suas filhas, Betty a “mais velha”, logo após a chegada da família, “se matriculou na Escola de Enfermagem do Hospital Evangélico de Anápolis”. Ele explica que a instituição era “já considerada uma das melhores do país”. O exemplo foi seguido, “mais tarde sua irmã, Jean, também fez o curso” (TIPPLE, 1972, p. 88).

Assim, houve uma facilitação da penetração missionária protestante nessas regiões e da aproximação com as pessoas em decorrência das instituições. Ademais, para a construção das instituições, verbas advindas do Reino Unido e dos Estados Unidos foram fundamentais, diante da carência do Estado. Sobre a importância conquistada por batistas e presbiterianos e suas organizações religiosas, Cavalcanti considera que “a proximidade aos Estados Unidos garantiu um influxo regular de recursos para manutenção do trabalho” (2001, p.81) tanto religioso quanto de cunho social, como a construção de instituições e de ações de educação e cuidado com a saúde, bem como de divulgação da fé, inclusive por meio da literatura produzida pelos próprios missionários.

Em suma, afirmamos, segundo a leitura de Ester Nascimento, que o trabalho desenvolvido por esses missionários, dentro de um projeto de civilização e de conquista religiosa, como pode ser percebido pela análise de suas próprias memórias, catalisavam

religião, saúde e educação para a produção de um novo modo de viver, a partir da conquista religiosa (2005). Filantropia, assistência social, divulgação da prática higiênica, apoio ao restabelecimento físico e a formação moral dos pacientes hospitalizados, por meio da religião, eram características que se amalgamavam na definição daquela e de outras instituições criadas pelos protestantes em Goiás. Enquanto projeto, o que podemos notar, por meio das memórias em confrontação com outros documentos e análises bibliográficas, é o caráter particular de ações de conversão religiosa, de formação moral e educativa dos missionários e de seus congregados, tanto no Brasil quanto no exterior, que são fortemente expressas e propagadas por meio das instituições que se constroem em Goiás.

### ***Considerações Finais***

Da interpretação de cada uma das fontes e de seu conjunto, percebemos alguns elementos que nos permitem considerar que ocorreu, em Goiás, com a vinda dos missionários, sobretudo protestantes, um alargamento de sua presença e atuação nos setores voltados para a assistência à saúde. Um envolvimento que no primeiro momento ocorria de forma individual, conforme análises dos missionários dominicanos ao norte do então estado de Goiás, e que, gradativamente, vai se efetivando de forma institucionalizada, através do estabelecimento de instituições sanitárias e escolas de formação de profissionais voltados para o setor de saúde, nas regiões do sul do estado com os missionários protestantes. Divergente em termos religiosos, a atuação dos missionários católicos e protestantes apresentavam similaridades quanto à questão sanitária, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. A relação, no entanto, não se restringe, segundo essas fontes, aos missionários que assentaram praça em Goiás, mas também aos seus correligionários estrangeiros que financiaram as obras de construção de hospitais, leprosários e escolas. Como observado, uma boa parte da literatura produzida, em inglês, e publicada nos países sedes das missões tinha como objetivo conquistar novos adeptos à prática missionária e o financiamento das obras desenvolvidas no Brasil. Esta intencionalidade foi, portanto, alcançada. Isso nos faz crer, talvez, numa certa exageração das características e dos relatos de adoecimento e também da falta de médicos e instituições no sertão, porque seus narradores, os missionários católicos e protestantes, imbuídos de um caráter colonialista, estabeleciam como perspectiva uma observação supostamente superior e avançada de forma a situar os observados numa suposta condição de inferioridade, atraso e doença (TODOROV, 2006). Um exagero que deve ser, possivelmente, decorrente do padrão eurocêntrico desses intérpretes sociais, em relação à assistência, e do objetivo desses escritos de atingir seus propósitos, do que

propriamente da existência de dados que contrapunham o quadro desolador que desenhavam acerca do sertão e da realidade sanitária aqui observada.

Se dos primeiros missionários e intérpretes, descritores das regiões goianas, pontuam carência de profissionais e de estabelecimentos, um segundo conjunto, além de observadores, foram atores sanitários nos setores e regiões onde essas carências haviam sido notadas, com alguns tendo tido formação na área médica e experiências nos países de origem ou em outras regiões onde as missões atuavam. Por fim, percebe-se um terceiro grupo que, além de construir instituições de assistência, prepara também espaços de formação de novos profissionais. Não se pode desconsiderar que além da medicina, atuaram também em acordo com outros objetivos e instituições: escolas e igrejas, em especial, dado que centralmente era a expansão da fé e a construção de novos modos de comportamento, seu objetivo central.

Nesse conjunto, o duplo objetivo de curar e disciplinar corpos e hábitos era questão central nos projetos de civilização e conquista religiosa desses indivíduos e das instituições que representavam. Um objetivo que se constrói a partir das observações *in loco*, ou seja, não precedeu aos primeiros viajantes que aqui chegaram. Foi, portanto, à medida que observaram as carências e quando as questões médicas se mostraram como porta de entrada para a pregação da religião, que esse projeto/plano se constituiu e tomou corpo. Se os primeiros missionários insistiram que poderiam fazer mais pelo povo se tivessem conhecimentos e remédios; nas décadas de 1920 a 1940, os novos que aqui chegaram e se estabeleceram, como tinham formação profissional na área de atuação médica, responderam ofertando, por meio de hospitais que construíram, o desejado tratamento e a cura das doenças do corpo. Ademais, constituíram em conjunto novos espaços de formação de outros missionários e, ao que parece, atuaram também atraindo conterrâneos a se juntarem a essas causas.

### **Referências**

- ARAÚJO, Ordália Cristina Gonçalves. Protestantismo no norte goiano: estudo sobre a viagem de Archibald Macintyre (1920). In *Revista de História Regional* 21(2), 2016.
- ARCHIBALD, Arthur Wesley. Estatutos da Associação Educativa Evangélica. *Correio Oficial*, 30 de abril de 1947. Arquivo Estadual de Goiás, Coleção n. 242, jan. a jun. de 1947.
- AUDRIN, Frei José M. *Os sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- AUDRIN, J. M. *Entre sertanejos e índios do norte*. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1946.
- BERTHET, Michel. *Uma viagem de missão pelo interior do Brasil*. In: Memórias Goianas I. Goiânia, Centauro Gráfica e Editora, 1982, p. 113-170.
- BORGES, H Crispim. *História de Anápolis*. Goiânia, Editora Cerne, 1975.

- CAIXETA, Vera Lúcia. *Médicos e frades pelos caminhos de Goiás* (1883-1912). Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins – V. 1, n. 01, p. 25-42, jul/dez. 2014.
- CARDOSO, Luis de Souza. *A Formação do Protestantismo de missão no Brasil* – Evangelizar e Educar. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais7/Trabalhos/xAFormacao%20do%20Protestantismo%20de%20missao%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 14/02/2017/8.
- CARVALHO, Heliel Gomes de. *James Fanstone: protestantismo, medicina como vocação e legado social na fronteira Goiás na primeira metade do século XX*. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2015.
- CARVALHO, Heliel Gomes de. *A medicina missionária Pioneira e o papel da União Evangélica Sul-Americana (UESA) em Goiás, na primeira metade do século XX*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, PPG-História, Goiânia, 2021.
- CAVALCANTI, H. B. O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista. *Revista de Estudos da Religião*, nº 4 / 2001.
- CHATELLIER, Louis. *A religião dos pobres: as missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno – sec. XVI-XIX*. Trad. Teresa A. Cardoso. Lisboa: Estampa, 2018.
- COOK, William Azel. *By horse, canoe and float: through the wilderness of Brazil*. The Werner Company, Akron, Ohio, 1909.
- DIAS, Kamila Gusatti. *História e memória da escola de enfermagem Cruzeiro do Sul de Rio Verde - GO (1937-1969)*. 2020. 299 f. Tese (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- DIAS, Kamila Gusatti; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. *Presbiterianos em Goiás: um estudo comparado das práticas de educação em saúde entre duas escolas de enfermagem em Rio Verde e Anápolis – Go (1933-1961)*. Disponível em: <https://even3.azureedge.net/anais/50495.pdf>. Acesso em: 16/03/2018, p. 6.
- FANSTONE, James. *Missionary Adventure in Brazil: the Amazing Story of the Anapolis Hospital, with Reminiscences by Its Founder Dr. James Fanstone*, O.B.E. Edited by his sister Baird [B.B. Smith]. England, Errey's Printer, 1972.
- FANSTONE, James. *Aventura Missionária no Brasil: e a incrível história do Hospital de Anápolis*. São Paulo, Fonte Editorial, 2017.

- GALLAIS, Estevão M. *Entre os índios do Araguaia*. Livraria Progresso Editora, Bahia, Salvador, 1954.
- GALLAIS, Estevão. *O apóstolo do Araguaia*. Prelazia de Conceição do Araguaia, 1942.
- GLASS, Frederich Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Evangélica Limitada, s/d.
- GOMES FILHO, Robson Rodrigues. O movimento de “santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923- 1925). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História – 2012.
- GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Olhares Estrangeiros sobre Goiás: do viajante ao missionário na produção da alteridade sobre o sertão goiano. *Caminhos*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 66-83, jan./jun. 2015.
- GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 1894-1930). Tese (doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de História. 2018.
- GUIMARÃES, Celma e CARVALHO, Viviane L. da Silva. Entidades representativas da enfermagem no Estado de Goiás: um relato histórico. *Revista Brasileira de enfermagem*, vol. 58, n. 1, Brasília, Jan. e fev. de 2005. GIMARÃES, Celma Marins e GAMA, Maria Efigênia D. A saúde pública no Estado de Goiás; uma análise do período de 1930-1945. In *Estudos Goiânia*, v. 29, n. 5, set-out. de 2002.
- JORNAL DE CATALÃO. *Leprosário de Catalão*. 01 de setembro de 1929. Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Coleção de jornais, n. 229.
- MACYNTIRE, Archie. *Descendo o rio Araguaia*. Contagem-MG, AME Menor, 2000.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Males do sertão: alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Goiânia: Cànone Editorial, 2014.
- MATOS, Sandra Corrêa. A visibilidade Evangélica no meio social Anapolino. In *Cadernos de Pesquisa – museu histórico de Anápolis Aberico Borges e Cavalho*, ano 2, n. 2. Anápolis, Go, 2010: Goiânia: Kelps, 2011.
- MORAIS, Itelvides José de. *O protestantismo pentecostal em Goiânia: de 1970 a 2002*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2002.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical*. Tese (doutorado) PUC/São Paulo, 2005.
- OLIVEIRA, João Luiz de. Dr. James Fanstone: pioneiro da cirurgia e do evangelismo. *O liberal*, julho de 1959, p. 3.
- OLIVEIRA, Luiz Artur de. Dr. Fanstone, o primeiro cirurgião do Brasil Central. *O popular*, Goiânia, 26/06/1977, p. 7.

- POLONIAL, Juscelino Martins e ZORZETO, Miriam Esther Oliveira. Histórico dos cursos de enfermagem da cidade de Anápolis-Goiás. In *Cadernos de Pesquisa* – museu histórico de Anápolis Aberico Borges e Cavalho, Goiânia: Kelps, 2012.
- QUADROS, Eduardo Gusmão de. O vírus protestante e a ação profilática de um bispo de Goiás. *História e debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 55, jul-dez de 2011.
- ROCHA, Leandro Mendes. *O Estado e os índios*: Goiás, 1850-1889. Goiânia: Ed. UFG, 1998.
- SANTOS, Edivaldo Antônio dos. *Os dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930)*: fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Goiânia, 1996 (Dissertação de Mestrado).
- SILVA, Leicy Francisca. *Eternos órfãos da saúde*: medicina, política e construção da lepra em Goiás (1830-1962), Goiânia: Editora UFG, 2016.
- SILVA, Sandro Dutra e CARVALHO, Heliel Gomes de., SILVA, Carlos Hassel Mendes da. Colonização, Saúde e Religião: A medicina pioneira e o poder simbólico da moral social na Colônia Agrícola Nacional de Goiás - CANG (1941-1959) *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v.4, n.1, jan.-jul. 2015.
- SILVA, Sandro Dutra e, CARVALHO, Heliel Gomes de e SILVA, Carlos Hassel Mendes da. A medicina pioneira: protestantismo e prática médica na expansão da fronteira em Goiás na primeira metade do século XX In *Histórias de doenças: percepções, conhecimentos e práticas* / organização Sônia Maria de Magalhães, Leicy Francisca da Silva, Roseli Martins Tristão Maciel. - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017.
- SOUZA, Rildo Bento de. Pobreza, doenças e caridade em Goiás: uma análise do Asilo São Vicente de Paulo (1909-1935). Jundiaí, Paco Editorial: 2014.
- STAROBINSKI, Jean. La literature. In *Faire de l'histoire II* – Nouvelles aproches. Jacques Le Goff et Pierre Nora, Éditions Galimard, 1974.
- TEIXEIRA, Daiany Ribeiro. O sertão de Goiás na literatura de viagem. *Revista Mosaico*, v. 6, n. 1, p. 95-105, jan./jul. 2013.
- TIPPLE, Archibald. *Bandeirantes da Bíblia no Brasil Central*. Goiânia: Casa Editora Aplic, 1972.
- TODOROV, Tzevetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, São Paulo, v.46, n.1, p.231-244, jan./jun. 2006.
- WILDING, Rettie. *Sorrindo em lágrimas*. Goiânia: Casa Editora Aplic, 1979.